

A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM NA UNIVERSIDADE

Erika Leticia de Almeida Silva

Graduanda do 4º período do curso de pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: erikalet92@gmail.com

Maria Andreza do Nascimento

Graduanda do 6º período do curso de pedagogia da *Universidade do Estado do Rio Grande do Norte*. E-mail: andreza-nascimento21@hotmail.com

Débora Raquel Araújo Silva

Graduanda do 4º período do curso de pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: raqueldebora0@gmail.com

Prof. Ma. Ana Carla de Azevedo Silva

Professora Orientadora (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte) email: angel_dylan19@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem por temática a relação do professor/aluno no processo de ensino aprendizagem na Universidade, mais especificamente em relação à afetividade e tem por objetivo refletir acerca desse componente durante a formação do sujeito. Entendemos que é a partir da ligação que se estabelece entre aluno e professor que o processo de compreensão e apreensão acontece de forma mais prazerosa e efetiva, em qualquer nível de ensino. Esta pesquisa se caracteriza como bibliográfica, pois dialogaremos sobre a temática com base nos estudos de Freire (1996); (1987) que fala sobre a importância do diálogo e de uma pedagogia mais autônoma e Marchand (1985) que aborda sobre a importância da afetividade do educador, e DIAS & ROSIN (2012) entendendo a afetividade como imprescindível para a apreensão do conhecimento. Percebemos que o vínculo que se forma a partir das relações entre o docente e o discente constrói uma base saudável para a formação intelectual, social, emotiva do aluno. Sem esse vínculo a aprendizagem fica lacunar, sem propósito e sem o mesmo valor que teria se houvesse uma relação mais amistosa em sala de aula. Acreditamos que este estudo irá contribuir para compreendermos a importância da afetividade para uma boa relação entre professor/aluno na Universidade, bem como refletir sobre as práticas pedagógicas dos professores Universitários. Ainda pudemos perceber o quanto a aprendizagem é afetada pela demonstração de afetividade que mestre e aluno dispensam mutuamente em sala de aula, não só no ensino para crianças

como também na Universidade. Independente se ser criança ou adulto existe claramente a necessidade de respeito e carinho em sala de aula.

Palavras Chaves: Afetividade, Universidade, Professor/Aluno.

INTRODUÇÃO

Estamos vivendo um momento de grande desenvolvimento tecnológico, expansão virtual e empoderamento da informação. O século XXI assiste sua imersão no digital, no virtual e também no impessoal através de suas redes *online* 24 horas por dia. Compramos, nos relacionamos, interagimos, vivemos por trás das telas dos computadores, smartphones e tablets na intenção de resolver todos os nossos problemas com um único click.

Apesar de diminuir distâncias e trazer as notícias para a palma da nossa mão, o mundo virtual não é só benesses, uma vez que acaba por nos aproximar virtualmente e nos afastar pessoalmente tornando-nos mais individuais do que sociais, mais enclausurados do que libertos. Uma prova disso é que numa roda de amigos, por exemplo, a maioria vai estar com o aparelho celular em mãos esquecendo-se de compartilhar o aqui e agora com as pessoas que estão ao seu lado naquele momento.

Um dos aspectos mais comprometidos nessa profusão de sentimentos virtuais talvez seja o afetivo, o carinho que nutrimos pelo outro, a querença, a ternura que desprendemos ao companheiro, ao parceiro, ao amigo. Nem só de contatos virtuais vive o homem, a presença física é primordial para o amadurecimento do vínculo e para a manutenção saudável das relações em todos os âmbitos sociais, seja em casa ou na escola por exemplo.

Para adentrarmos no tema proposto pela artigo acreditamos ser de grande relevância, então, iniciarmos descrevendo o que é afetividade. Definimos a afetividade como um ato de respeito, de carinho e compreensão que se faz necessário para uma boa relação com os sujeitos, sem ela acreditamos que ter uma compreensão de mundo torna-se mais árdua nesse processo de compreensão e descoberta.

A afetividade é um dos elementos essenciais da educação que vem sendo discutido há muitos anos, bem como tem sido suscetível a mudanças. É importante que haja uma boa relação afetiva entre as pessoas para a regulação da convivência em grupo e maturação pessoal, imaginemos, portanto, que entre professor/aluno faz com que o meio de aprendizagem torne-se

mais saudável, bem como a aprendizagem flui melhor. Em relação à educação, o aspecto afetivo não se faz imprescindível somente na educação básica, mas também na universidade, onde entendemos que os alunos já são adultos e já tem uma personalidade estabelecida. Assim como no ambiente familiar a falta de carinho e afeto no espaço escolar pode prejudicar o sujeito aprendiz.

A necessidade do afeto começa desde criança. Para começarmos a dar os primeiros passos precisamos da paciência e compreensão de nossas famílias, em necessidades consideradas básicas como alimentação, se vestir, para que em seguida já saibamos fazer sozinhos. Esta necessidade se dá durante todo o nosso processo de crescimento, uma vez que a função da família é tornar o aprendizado mais saudável e produtivo.

A relevância da afetividade desde a educação infantil é algo sério e importante, a criança quando vai para a escola ela cria um laço afetivo com a professor(a), e tal educador(a) passa a cumprir um papel importante para aquela criança, e em muitos casos tornam-se até a ser um(a) grande amigo(a).

Porém, a importância do afeto e do respeito entre professor-aluno tem acontecido de forma escassa no âmbito acadêmico, a discussão e a preocupação maior com esse tema tem sido mais relacionada do ensino infantil ao médio. Porventura, a afetividade não tem sido muito trabalhada na Universidade, por talvez os educadores pensarem que estão lidando com “adultos”, que já entendem as motivações dos vínculos e já sabem resolver seus conflitos. E talvez não seja bem assim.

O presente trabalho é de caráter qualitativo e bibliográfico, com embasamento teórico em Max Marchand (1985) que traz discussão sobre as consequências na relação entre professor e aluno e suas consequências, Dias e Rosin (2012) que contribui para o entendimento com relação as experiências vivenciadas pelo professor e aluno como elemento indissociável e Freire (1996) que discute acerca de uma relação professor e aluno sem distanciamento.

O trabalho está organizado da seguinte forma, no primeiro tópico trazemos discussões sobre a afetividade entre professor e alunos, a importância da afetividade nos âmbitos escolares e no segundo tópico fazemos algumas reflexões entre a relação professor e aluno dando ênfase a afetividade na universidade.

A AFETIVIDADE: ELO ENTRE PROFESSOR E ALUNO

A universidade é uma instituição que prima pela formalidade, pelo conhecimento científico (ensino e pesquisa) e pela legitimação desse conhecimento em publicações e projetos de extensão.

O vínculo estabelecido entre professor e aluno é também um elo mais formal, no entendimento de que o aluno, agora adulto, não precisa de tanto acompanhamento. Porém a autora Sarnoski (2014 p.1) afirma que “precisamos não só ensinar o currículo, mas ensinar a amar, a ter empatia com o outro, e isso só se dá através do afeto e da afetividade.”

Muitas vezes percebemos que na Universidade alguns professores agem de forma insensível em relação aos alunos, acarretando no educando insegurança, fragilidade e até baixo desempenho na disciplina daquele professor, também receio na interação acabando por se prejudicar em seu aprendizado, e isto o educador por muitas vezes não percebe que ele prejudicou no aprendizado do aluno, por isso é importante que a afetividade se faça presente nesta relação professor/aluno. O autor Marchand (1985, p. 18) afirma que

[...] resultado da posição sentimental do mestre: o autoritário provocará o temor inibitório do aluno; o que procura se fazer amar provocará na criança reações de complacência; aquele que se mostra maldoso despertará sentimentos e atitudes de oposição que levarão a uma educação contrária à desejada (p. 18).

O autor refere-se a crianças, porém este tipo de sentimento também atinge os adultos, inclusive o aluno Universitário. Este sentimento que o discente passa a desenvolver é terrível para todos, pois sendo o professor um modelo, o aluno já em sua sala de aula como professor poderá repetir as atitudes do seu mestre. Uma das coisas que nos faz refletir acerca dessas atitudes de autoritarismo, de não sentimentalismo, é quanta falta de respeito este mestre tem para com esse aluno, não respeita seu tempo, sua história, seu esforço para estar naquele ambiente de aprendizagem, não se preocupa com seus sentimentos, tão pouco se aprenderá o conteúdo transmitido com prazer e se tão pouco ele está aprendendo. Esse professor é apenas um repassador de conteúdo, seja como for.

Portanto, a afetividade que se manifesta na relação professor-aluno se constitui elemento inseparável do processo de construção do conhecimento. Por isso, a qualidade da interação pedagógica deve ser buscada com muita primazia, pois é ela que vai conferir um sentido afetivo para o objeto de conhecimento, a partir das experiências vividas. (DIAS & ROSIN, 2012, p.7)

Neste sentido é perceptível a importância do professor reflexivo quando se trata de suas ações, se questionando sobre sua maneira de ensinar, se ele tem se preocupado com seu aluno, se tem desenvolvido em suas aulas a importância do diálogo. Essa troca é uma ferramenta importante para o processo de ensino/aprendizagem, uma vez que quando há um bom diálogo entre

professor/aluno há uma troca maior de conhecimentos, uma vez que o professor também se constitui como ser aprendiz, e precisa ter consciência disso. Freire (1996, p.23) afirma que:

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pede um objeto direto – alguma coisa – e um objeto indireto – a alguém.

Educar exige por parte do professor total dedicação no que se faz, é um ato sério e que é preciso que os educadores estejam cientes disso. O ato de educar pode transformar pessoas, porém como foi ressaltado é necessário que o professor seja crítico sobre seus atos. Paulo Freire (1996, p.38) ressalta o quão importante é refletir sobre nossas práticas de forma crítica, para tanto o mesmo diz que: “A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer.”

Durante muito tempo o ensino tradicional foi presente na sala de aula e fora dela. O ensino tradicional possui uma característica forte e que pode até ser confundido com a forma de ensino rude, pois neste os professores não tinham uma relação dialógica com seus alunos, causando ainda mais um distanciamento do professor e aluno. A palavra afeto nesta tendência era algo muito distante, pois o professor estava acima do aluno e neste sentido é impossível haver uma relação de dialogo harmônico entre professor e aluno. As punições, os castigos, os gritos colocavam o professor em posição autoritária e o detentor de toda sabedoria soberana e total, os alunos iam para a escola apenas para ouvir e não participar. Queiroz e Moita (2007, p.3) afirmam que:

[...] a proposta de educação era absolutamente centrada no professor, figura incontestável, único detentor do saber que deveria ser repassado para os alunos. O papel do professor estava focado em vigiar os alunos, aconselhar, ensinar a matéria ou conteúdo, que deveria ser denso e livresco, e corrigir. Suas aulas deveriam ser expositivas, organizada de acordo com uma sequência fixa, baseada na repetição e na memorização.

O ensino apesar de atualmente ter tido seus avanços, ainda enfrenta muitas dificuldades encontradas por muitos professores, como por exemplo ministrarem suas aulas mesmo sem recursos, os baixos salários, falta de formação continuada, atraso salarial, esses e outros fatores que a categoria considera prejudicial para um melhor desenvolvimento em seu trabalho. Mas uma coisa é preciso que os educadores tenham entendimento: que os educandos não podem ser responsabilizados pelos inúmeros fatores negativos que afetam sua profissão.

Ao escolher a profissão de educador é preciso que o indivíduo não se limite aos fatores que implicam negativamente em sua profissão, para não afetar no rendimento dos seus alunos. E isso não atinge só aos educadores, impacta todos os tipos de profissão, necessitando que o sujeito esteja atento durante seu processo de formação sobre a profissão na qual escolheu e a que “grupo” pertencerá. Segundo Penin (2009, p.2)

Ao escolher ou entrar numa profissão uma pessoa define um modo de vida. Começa a pertencer a um grupo que, conforme o seu grau de identificação, lhe traz benefícios ao atender a uma das necessidades humanas básicas, a de pertencimento. A vivência cotidiana numa profissão e instituição geralmente interfere de maneira vigorosa no desenvolvimento da própria identidade ou “identidade do eu”.

Sabemos que saber escolher que profissão queremos é muito importante. Se não nos encontramos na profissão de educador desenvolveremos mecanismos que afetam nossos alunos, como o não tratar bem o aluno. Acreditamos, que o professor além de educador consiste em ser um amigo do aluno, que se preocupa com o porquê que ele não fez a atividade, por quê que ele chega atrasado na escola, o que está acontecendo que por muitas vezes está triste e abatido.

A AFETIVIDADE NO CONTEXTO DA UNIVERSIDADE

De fato, a profissão docente tem uma vasta jornada de trabalho e isso influencia diretamente no trabalho diário do professor. É muito comum nos depararmos com docentes estressados, insatisfeitos, descarregando sua frustração diária em seus alunos, tratando-os de maneira rude. Todo esse estresse e sobrecarga são frutos de muitas responsabilidades, podem levar a sérios problemas de saúde e principalmente problemas psicológicos, em muitos dos casos até afastando o profissional do seu trabalho.

Consideramos também importante ressaltar que o professor não deve se influenciar por seus sentimentos, o fato de não se identificar tanto com um aluno ou o contrário, gostar demais do mesmo, não deve induzir sua forma de tratá-lo. Ser profissional é uma honra que precisa ser posta em prática diariamente. O que vale ser lembrado é que, quando essas influências intervêm na forma de avaliar os alunos causa transtorno e conflitos por parte dos que foram prejudicados, influenciando assim nos sentimentos dos alunos. MARCHAND (1985, p.19) afirma que:

As reações sentimentais do professor variarão em função de cada aluno, segundo seus êxitos escolares, seu comportamento, seu caráter. Na prática pedagógica que coloca frente a frente o educador e o aluno, podem surgir atração ou repulsão como resultados do confronto entre os dois caracteres. Todas estas atitudes sentimentais influem sobre as metodologias, como o risco de alterá-las, e provocam na criança, rudes transformações afetivas mais ou menos desfavoráveis ao ensino

Isso é bastante preocupante. O autor baseia-se nas crianças, todavia não foge da realidade dos graduandos. Mais uma vez ressaltamos a importância da presença do diálogo, para que o professor não permita que seu sentimento interfira na sua postura de profissional, tão pouco se abstenha do respeito para com o aluno.

É preciso que o mestre esteja disposto a aprender a desfrutar da boa relação com seu aluno, sendo cuidadoso e carinhoso com suas palavras. O docente tem a oportunidade de criar uma boa relação com seu aluno só precisa, em sua prática, buscar mecanismos para estabelecer um vínculo saudável e produtivo. Marchand (1985, p. 93) afirma que:

É sobretudo o mestre que pode, mudando de atitude, provocar um aperfeiçoamento da relação afetiva. Toda pedagogia desta relação leva, pois, em última análise, a uma formação do mestre que se preocupe, principalmente, com o aspecto afetivo. É preciso primeiro, pedir ao mestre que lute contra a tendência de considerar os alunos como abstrações ou nomes inscritos no livro de matrículas. É preciso, também, resistir à mania de classificá-los, em definitivo, neste ou naquele grupo.

É imprescindível que o professor leve em consideração a essência do aluno, que não o compare com os outros colegas, que não leve em consideração a má fama cultivada por alguns, considere portanto o aluno como um sujeito curioso e disposto a aprender. É preciso também que o professor se considere como um sujeito capaz de ajudar o percurso que precisa ser percorrido pelo aluno para a construção de um mundo de conhecimentos, e que busque junto ao aluno a entrada deste nesse mundo. O educador é um sujeito que é aprendiz como o aluno, e que precisa tratá-lo de forma horizontal, com humildade, pois seu conhecimento não é mais elevado que o do discente. Freire (1987, p. 46) afirma com clareza quando diz que:

A auto-suficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não tem humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronuncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais.

O professor pode ter muitos títulos, pode ter muito conhecimento, mas não pode desprezar aquele que ainda está construindo os seus conhecimentos, uma vez que para a construção de



conhecimentos, para uma maior troca de saberes é preciso interagir com o próximo, é preciso que a importância do outro seja levada em conta para uma maior qualidade do conhecimento. Isso também se faz importante na sociedade, na sala de aula, e na relação entre professor e aluno, se envolver com os conhecimentos do outro permite uma melhor visão de mundo. Freire (1987, p.20) discorre que: “Não há um sem os outros, mas ambos em permanente integração”.

O aluno precisa de um professor que o auxilie na sua caminhada em busca da construção do conhecimentos, para isso é preciso que o educador dê liberdade ao aluno pra refletir sobre seus conhecimentos, auxiliando-o, ajudando-o a elaborar melhor suas ideias, sem oprimia-las, conduzindo o aprendiz ao mundo de conhecimentos.

Construir uma boa relação professor/aluno na Universidade é o melhor caminho para o enriquecimento de saberes de ambos os aprendizes, ou seja, tanto do professor como do aluno. As experiências vivenciadas diariamente através do diálogo tornam os sujeitos mais ricos de conhecimento. Esse caminho deve ser percorrido através do amor, uma vez que segundo Freire (1987) o fundamento do diálogo é o amor, ai tornará essa relação mais afetiva.

Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação. Nesta, o que há é patologia de amor: sadismo em quem domina; masoquismo dos dominados. Amor, não, Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos o ato de amor está em compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico (p. 45).

Na Universidade há também pessoas que necessitam e precisam de educadores que os tratem com afeto, precisam de educadores que estejam preocupados com que tipo de profissionais irão inserir na sociedade e que estejam dispostos a conduzir esses profissionais no melhor caminho do profissionalismo. Os educadores precisam repassar para seus alunos, que ser profissional não é estar com um título em mãos, precisam repassar para seus alunos que a profissão vai além de um simples papel, é preciso preparar os aprendizes para um mundo totalmente novo que é a profissão.

De acordo com MARCHAND (1985, p.98) “O problema sentimental que se coloca para cada educador é o de encontrar em si mesmo as condições de um amor autêntico”. O educador precisa procurar em si o verdadeiro amor ao que faz, precisa que este seja autêntico, que seja verdadeiro e que permita ao próximo sentir esse amor. Isso cabe a todas as profissões, as pessoas precisam sentir esse amor profissional para uma melhor relação. O educador precisa que o aluno ache esse amor dentro dele para seu aprendizado fluir melhor e sentir mais vontade de aprender. Ainda segundo Marchand (1985, p.98)

Na busca de uma expressão de amor feita de equilíbrio e compreensão, a meio caminho entre a severidade e a indulgência, o educador deve cuidar para que seu comportamento responda às seguintes condições: deve dar provas de senso de humor, deve manifestar um amor ao mesmo tempo pessoal e impessoal, deve ser a própria imagem da renúncia e deve adaptar-se à idade, à psicologia e à evolução de cada aluno.

Renunciar o que é empecilho à profissão é imprescindível para um melhor desenvolvimento desta. Buscar os melhores sentimentos que a profissão proporciona faz com que muitas pessoas também se beneficiem dessa mudança. Refletir sobre nossas ações enquanto profissionais permite-nos que sejamos profissionais de mais ações. Estar preparados para ouvir os que estão em nossa volta e que fazem parte da profissão oportuniza conhecer o que pensam de nós mesmos quanto profissionais e daí tornar-se sujeito de mudança.

Aos educadores da Universidade é necessário que estes estejam preparados para ouvir o que os alunos têm a dizer sobre si. Buscar os melhores sentimentos para seus alunos tornará o conteúdo mais simplificado, ouvi-los, aprender com eles, e não tornarem-se soberbos por conta de seus diplomas, os alunos estão em sala para alcançar muitas coisas, dentre elas exemplos para suas futuras profissões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Universidade é um ambiente de futuros profissionais que logo estarão à disposição da sociedade e nada mais justo que estes compartilhem do respeito em relação às pessoas que farão parte de sua profissão. Portanto, é preciso que a afetividade seja o ponto de partida para uma melhor aprendizagem do aluno e para um melhor desenvolvimento do professor, a afetividade não termina no ensino médio esta deve prosseguir sem fim em todos os níveis, deve estar presente em todas as profissões, em todas as áreas, como algo essencial para uma educação transformadora.

É preciso entender que o professor em sua prática não tem obrigação alguma de ser afetuoso com os alunos, porém é interessante que esteja ciente de que a afetividade no processo de ensino e aprendizagem se torna um elemento insubstituível para o desenvolvimento intelectual, moral, social, cognitivo dos alunos.

Só o que temos presenciado nos corredores universitários são professores tratando com indiferença os alunos, por entenderem afeto e carinho como “supérfluos” para com esse nível de ensino, o que é um pensamento equivocados, já que em qualquer nível o aluno necessita de compreensão, diálogo e carinho para um melhor desenvolvimento.

Que os docentes possam perceber que o aluno desenvolve melhor seu potencial quando tem o apoio dos professores enquanto aluno universitário. Então, que não influenciemos o futuro profissional dos discentes de forma negativa para que não haja uma reprodução quando finalmente esses alunos estiverem em sua própria prática docente.

REFERÊNCIAS

- MARCHAND, Max: **A afetividade do educador**. São Paulo: Summus, Maringá: UEM, 2012 1985
- FREIRE, Paulo: **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1996
- FREIRE, Paulo: **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1970
- QUEIROZ, Cecília Telma Alves Pontes de, MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro: **As tendências Pedagógicas e seus pressupostos**. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN, 2007
- PENIN, Sonia Teresinha de Sousa (2009). **Profissão Docente**
- DIAS, Priscila Dayane de Almeida, ROSIN, Sheila Maria: **A afetividade na relação professor-aluno e sua influência no processo de ensino e aprendizagem**. Maringá: UEM, 2012
- PENIN, Sonia Teresinha de Sousa. Profissão docente. **Salto para o futuro**. Ed. Especial. Ano XIX, n 14, outubro de 2009. p.1-8